



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

INFLUÊNCIAS DO ISLAMISMO NO URBANISMO E NA ARQUITETURA DE SALVADOR

*Sophia Andrade de Oliveira*¹

Resumo: Este artigo investiga a influência muçulmana na arquitetura e no urbanismo de Salvador, Bahia, analisando duas matrizes históricas: a herança cultural lusitana, marcada pela presença moura na Península Ibérica; e o impacto direto da diáspora com a chegada dos africanos islamizados. A análise visa demonstrar que a relação do soteropolitano com a cidade e seu espaço é a materialização de uma memória que traduz as estruturas e os princípios simbólicos das medinas. A pesquisa utiliza a revisão bibliográfica como seu principal alicerce teórico, examinando como o legado mourisco, assimilado pela cultura portuguesa (séculos VIII–XV) e a contribuição direta de africanos islamizados (século XVIII) impactaram a estética construtiva e a organização socioespacial de Salvador. Conclui-se que Salvador é um paradigma de confluência civilizacional. A herança luso-mourisca se reflete em elementos arquitetônicos como azulejos, telhas mouriscas e a tecnologia da azenha. Já a herança dos povos em diáspora, os Imalês, introduziu uma matriz islâmica direta: estes africanos utilizaram o Islã como força coesiva sociopolítica e redefiniram a apropriação dos espaços urbanos (cantos e ruelas). Assim, o urbanismo, a arquitetura e a identidade social de Salvador carregam a memória simbólica e estrutural das cidades islâmicas, resultante do entrelaçamento dinâmico dessas manifestações étnico-culturais.

Palavras-chave: **Salvador; Arquitetura Islâmica; Medina; Urbanismo; Religiosidade.**

Abstract: This article investigates the Muslim influence on the architecture and urban identity of Salvador, Bahia, analyzing two historical matrices: the Lusitanian cultural heritage, marked by the Moorish presence in the Iberian Peninsula (Al-Andalus); and the direct impact of the diaspora with the arrival of Islamized Africans. The analysis aims to demonstrate that the relationship of the Salvadoran with the city and its space is the materialization of a memory that translates the structures and symbolic principles of medinas. The research uses the literature review as its main theoretical foundation, examining how the Moorish legacy, assimilated by Portuguese culture (8th–15th centuries) and the direct contribution of Islamized Africans (18th century) impacted the constructive aesthetics and socio-spatial organization of Salvador. It is possible to infer that Salvador is a paradigm of civilizational confluence. The Luso-Moorish heritage is reflected in architectural elements such as tiles, Moorish tiles and watermill technology. The heritage of peoples in diaspora, the Imalês, introduced a direct Islamic matrix: these enslaved Africans used Islam as a cohesive socio-political force and redefined the appropriation of urban spaces (corners and alleys). Thus, Salvador's urbanism, architecture and social identity carry the symbolic and structural memory of Islamic cities, resulting from the intertwining of distinct ethnic-cultural manifestations.

Keywords: **Salvador; Islamic Architecture; Medina; Urbanism; Religiosity.**

¹ Arquiteta e Urbanista, graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE).. E-mail: sophiasaoarq@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Introdução

A cidade de Salvador, na Bahia, recebe o impacto da influência mulçumana tanto nos elementos estéticos construtivos da arquitetura quanto na relação do soteropolitano com a cidade. Nessa perspectiva, neste artigo se pretende analisar a herança islâmica presente na cultura lusitana e no processo afro-diaspórico. A partir da constituição histórica desses povos, foi conduzida uma investigação bibliográfica com o objetivo de examinar a presença da memória das medinas na significação, história e relação com o entorno do soteropolitano e, por conseguinte, de sua cidade.

A pesquisa parte da análise de dois fatos históricos que evidenciam a relação entre a capital baiana e a forma de vida dos povos maometanos. A principal via de transmissão da cultura islâmica ao Brasil se deu, indiretamente, por meio da hegemonia muçulmana na Península Ibérica, um processo que se iniciou em 711 e se estendeu até a conclusão da Reconquista Cristã, em 1492 (ÁREAN-GARCÍA, 2009). A então Al-Andalus, nome dado ao território maometano na península, possuía a estrutura e os princípios simbólicos de um arcabouço árabe que transmitiu seu conhecimento ao Brasil, seja no gosto pelo asseio, seja pela própria fonte de economia colonial, dos engenhos de cana-de-açúcar (FREYRE, 2003).

O segundo fato analisado é a vinda de povos negros islâmicos por meio do processo diaspórico durante o século XVIII. Esses povos, em África, foram capturados e escravizados como prisioneiros de guerra resultantes dos conflitos político-religiosos no interior do Golfo do Benim. Em 1804 no país haussá, cabeceado por Usman Dan Fodio, pregador fulani, teve início o *Jihād*, movimento de reforma muçulmana em oposição ao relaxamento doutrinário e o sincretismo do islamismo com religiões pagãs locais. Os prisioneiros, feitos durante o período de batalhas, tiveram como destino a escravização e foram deslocados e



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

vendidos nos portos da antiga Costa da Mina, local que abrangia hoje os territórios do Benim, Togo, Gana e Nigéria. Os presos vendidos ao tráfico transatlântico vieram, em sua maioria, para a Bahia (REIS, 2023).

Isto posto, nota-se que a cidade de Salvador se configura como um *locus* de confluência da herança islâmica, manifestada em duas matrizes distintas da era colonial: na assimilação de elementos estéticos e urbanísticos veiculados pela cultura lusitana; e na inserção direta de práticas e cosmovisões africanas islamizadas. A imbricação desses processos históricos sugere que a relação do soteropolitano com o espaço urbano não é meramente sincrética, mas, sem dúvidas, a materialização de uma memória que traduz as estruturas e os princípios simbólicos das medinas. Logo, a presente investigação bibliográfica justifica-se pela necessidade de decodificar esses substratos culturais para elucidar o impacto muçulmano na arquitetura e na identidade social de Salvador.

A herança portuguesa

Durante o século VIII, após o período de expansão árabe, os povos muçulmanos invadem a Península Ibérica por meio de comandos militares chefiados por Tariq Ibn Ziad, eliminando o último rei visigodo da Espanha (CAIXETA, 2019). A entrada do exército árabe na Península Ibérica foi facilitada pelas diversas intempéries existentes no reino visigótico como as precárias condições socioeconômicas que promoviam contrastes sociais e atmosfera de opressão (CAIXETA, 2019).

A presença árabe se manifestou na paisagem de forma lenta, sendo possível apenas durante o século XI a visualização de uma estrutura urbana característica na região. As cidades desse período, consideradas descendentes diretas das medinas árabes, apresentavam elementos tradicionais: um eixo central voltado às atividades comunitárias, religiosas e comerciais, que se irradiava em um



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

gradiente de ruas até as pequenas vielas e becos que constituíam a área residencial (ou privada) do tecido urbano; bem como a mesquita principal funcionava como sede administrativa, fortaleza e centro educacional.

Este tipo de organização urbana não possuía interferência estatal no que tange à parcela residencial da cidade, à qual praticamente apenas os moradores do espaço teriam acesso. Ao poder do estado competiam as áreas da alcaçova (centro de poder político e administrativo e área fortificada adjacente ou interior às muralhas), da mesquita, da estrutura da muralha e da estrutura viária principal da cidade. Na fatia periférica ao eixo central locava-se as habitações, que precediam a formação das ruelas fazendo com que estas adquirissem o caráter íngreme e irregular (BUGALHÃO; FOLGADO, 2001). De acordo com Trindade,

integrada no chamado modelo mediterrânico, herdeira e, em grande parte, síntese da cidade clássica com que apresenta claros pontos de contacto — bastando para tal referir o assentamento de estruturas político-militares em acrópoles, o desenvolvimento da cidade propriamente dita em encosta ou a primazia de estruturas habitacionais organizadas em torno de um pátio central — é inquestionável que a cidade islâmica assume especificidades próprias a ponto de, por entre um tempo e um espaço de tão grande extensão como são onze séculos e três continentes, aparentar um manifesto ar de família (TRINDADE, 2009, p. 45).

Além disso, apesar do território estar sob o comando muçulmano, a população cristã e judaica poderia manifestar sua fé dentro das cidades, contudo esta parcela de habitantes respondia ao poder estatal islâmico (TRINDADE, 2009).

Após oito séculos de domínio muçulmano na Península Ibérica ocorre o advento da Reconquista Cristã do território. O processo da retomada, que iniciou com o evento da ruptura do Império Árabe, também teve como influência a crise dos Omíadas, a distância da Península Ibérica do centro de poder islâmico e o próprio desinteresse dos árabes pelo norte ibérico (ÁREAN-GARCÍA, 2009). A Reconquista predou a estrutura muçulmana existente, as casas foram abandonadas e os povos ali estabelecidos passaram a viver nas zonas extramuros da cidade ou em espaços isolados.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

As antigas cidades islâmicas da Península foram abandonadas, desativadas, readaptadas ou destruídas devido as severas transformações após a reconquista do território pelos cristãos (TRINDADE, 2009).

Conquistadas as cidades muçulmanas, os monarcas cristãos procederam à repartição do espaço: para além do quinhão que reservavam para a coroa, a distribuição contemplou aqueles que participaram na tomada do território (nacional ou estrangeiro), o clero, bem como os contingentes de novos povoadores recrutados em proveniências diversas. Igualmente contemplada, a população muçulmana optou por permanecer nos territórios submetidos, agora desalojada das medinas e instalada em locais extramuros e periféricos (TRINDADE, 2009, p. 76).

Ademais, a estrutura viária foi alargada e enobrecida e as cidades foram perdendo os traços culturais anteriores ao cristianismo. Contudo, a comunidade islâmica manifestou profunda resiliência e assimilação ainda que fixada em uma posição marginal à comunidade cristã (MATOS, 1999).

Os traços emblemáticos remanescentes evidenciam uma realidade social posterior à reconquista, ao centro da cerca moura, o que, segundo José Luís de Matos (1999, p. 19), “[...] *mudaram de mãos, mas não de funções*”. O patrimônio urbano, símbolo de poder, se manteve intacto.

E mesmo em características culturais católicas, nota-se a presença de tradições islâmicas, as quais a população se recusa a abandonar. A exemplo da comemoração do dia de São Vicente na Sé de Lisboa, dotada de uma exuberância bizantina e cânticos moçárabes. Segundo Matos, “*a Sé pode ter arrebatado relíquias, mas os moçárabes de Lisboa só lá iam nos velhos tempos desde que o culto fosse feito nos termos que eram seus*” (1999, p. 19).

Com os laços culturais muçulmanos enraizados na cultura lusitana, os colonos trouxeram ao Brasil toda carga de influência construída nestes séculos de presença islâmica na Península Ibérica. A começar pelo próprio modelo econômico colonial, com as produções de cana e açúcar, e moinhos d’água ou azenha descritos por Gilberto Freyre como avô do engenho colonial brasileiro,



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

tecnologia árabe utilizada posteriormente nos processos econômicos que constituíram o Brasil a partir do século XVI.

Analogamente, a influência muçulmana na arquitetura foi absorvida pela cultura portuguesa e, posteriormente, transmitida ao Brasil por meio do processo de colonização. Gilberto Freyre torna explícito como elementos da arquitetura mourisca evidenciam traços profundos de um legado comportamental árabe que chegou na América e foi utilizado até mesmo pela igreja católica.

[...] De suas mãos recolhemos a herança preciosa do azulejo, traço de cultura em que insistimos devido a sua íntima ligação com a higiene e a vida de família em Portugal e no Brasil. Mais que simples decoração mural em rivalidade com o pano-de-rás, o azulejo mourisco representou na vida doméstica do português e na do seu descendente brasileiro dos tempos coloniais a sobrevivência daquele gosto pelo asseio, pela limpeza, pela claridade, pela água, daquele quase instinto ou senso de higiene tropical, tão vivo no mouro (FREYRE, 2003, p. 300).

Assim pode-se concluir que a arquitetura de Salvador apresenta uma notável presença islâmica, seja pelo uso de azulejos nas igrejas, pelas telhas mouriscas, seja pelas janelas em quadriculas no centro da cidade (FREYRE, 2003). Caminhar pela capital baiana é transitar pelo reduto vivo e latente da parcela cultural arabesca da Bahia e dos baianos.

A herança Imalê

Ao final do século XVIII desembarca em Salvador grande quantidade de pessoas negras islamizadas, trazidas em diáspora, oriundas do norte da África, conhecidas como Malês ou Imalês. Esses povos de maioria Haússa e Nagô foram trazidos como prisioneiros de guerra e escravizados. Provenientes da região do Golfo do Benim e alfabetizados, os Imalês conseguiram ocupar espaços sociais inacessíveis a outros grupos, mesmo em um contexto de hostilidade imposto pela relação senhor-escravo (RIBEIRO, 2013). Devido às suas habilidades de letramento e à capacidade de exercer diversos ofícios, foram



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

designados para práticas comerciais especializadas, caracterizando-se como negros de ganho.

Embora essa designação se referisse inicialmente à função de carregador para os homens, com o declínio da produção açucareira, o termo 'negros de ganho' expandiu para outras funções qualificadas, tais como mecânico, pedreiro e marceneiro. Esse *status* diferenciado possibilitou a obtenção da carta de alforria para alguns indivíduos. Os ganhadeiros e ganhadeiras ocupavam espaços denominados como cantos (REIS, 2000), que se referem a delimitações territoriais para as práticas dos serviços de ganho e funcionavam como uma “agência informal de empregos”.

No trabalho de rua organizavam-se em associações chamadas cantos de trabalho, nos quais se reuniam principalmente os da mesma etnia chefiados por um “capitão” encarregado de acertar os serviços desempenhados pelo grupo. Assim associados enfrentavam o trabalho diário e desenvolviam laços de amizade e solidariedade que constantemente se desdobravam em ações políticas. Esses grupos de trabalho foram essenciais na mobilização dos africanos para a revolta em 1835 e em outras ocasiões. Enquanto esperavam por serviço nas esquinas onde se reuniam, os africanos iam formulando e aperfeiçoando suas ideias de liberdade e de ataque à escravidão na Bahia (REIS, 2008, p. 5).

Apesar da imposição da religião católica sob estes povos, os Imalês mantiveram sua religiosidade viva através da criação de escolas e casas de oração (FREYRE, 2003). Estes locais eram posicionados distantes do centro urbano, próximo a planícies e não possuíam caráter de mesquita, uma vez que era proibida a construção de templos não católicos. Eram chamados de majlis e possuíam em suas paredes versos do Corão.

O islamismo foi elemento de coesão social entre estes grupos que, inclusive, eram considerados como organizadores de movimentos contestatórios entre negros, exercendo uma influência também sobre os povos de cultura Gege e Iorubá (RIBEIRO, 2013). Além de questionadores, eram considerados estrategistas natos, pelo seu passado em países com estrutura política mais



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

avançada, desta forma cabeceando uma série de insurgências e rebeliões contra o poderio branco. Conforme Freyre,

o islamismo ramificou-se no Brasil em seita poderosa, florescendo no escuro das senzalas. Que da África vieram mestres e pregadores a fim de ensinarem a ler no árabe os livros do Alcorão. Que aqui funcionaram escolas e casas de oração maometanas (2003, p. 310).

Em 1835 é datada a revolta dos Malês, grande insurreição, liderada por negros maometanos, em defesa da abolição da escravidão e da tomada do poder político e religioso. Esta revolução ganhou expressiva adesão por parte da comunidade afro-diaspórica e marcou a história do país com notoriedade, não somente por sua dimensão, mas também por sua organização, com presença de documentos desenvolvidos e de encontros em madrassas improvisadas (RIBEIRO, 2013). Estes grupos utilizavam o espaço das ruelas e becos da cidade para exercer sua religião, organizar levantes e para pregar sua fé (RIBEIRO, 2013), possuíam o costume de transitar, inclusive, próximos às igrejas para proferir palavras da sua religião.

Portanto, perante o evidenciado é possível observar que a relação do negro islamizado com a cidade e a forma que a ocupavam era determinada sobretudo por sua fé. A religiosidade agia como um fator de coesão social e organização identitária que instituiu redes de solidariedade e disseminação de educação com base nos escritos sagrados.

Conclusão

Em face do exposto, é evidente a presença islâmica em diversos extratos da concepção urbana de Salvador, seja na arquitetura, nos modos de relação do soteropolitano com seu entorno, seja na organização do espaço da cidade. Embora Salvador tenha sido planejada com um traçado ortogonal, o crescimento da cidade demonstrou uma morfologia urbana adaptada às condições da



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

topografia local, um princípio que remete à organização espacial das medinas árabes.

Essa assimilação pode ser explicada pela hibridização cultural dos colonizadores portugueses, que incorporaram, em seus saberes e práticas construtivas, o conhecimento derivado de séculos de domínio e convivência com a cultura islâmica na Península Ibérica. Consequentemente, a morfologia urbana dessa área da cidade, caracterizada pelo traçado sinuoso de ruelas e ladeiras, bem como pelos casarões contíguos cujas paredes laterais formam um muro-cortina, evidenciam uma notável similaridade com o modelo da medina.

Essa matriz urbana, de cunho mourisco, é transportada e reproduzida na cidade de Salvador, tanto por meio da arquitetura quanto do traçado das ruas, mas também na dimensão das práticas sociais e comerciais. O padrão de ocupação do solo, que prevê a distinção funcional entre o espaço público de troca e o espaço privado da moradia, reflete a herança da segregação tipológica característica da cultura muçulmana.

Ainda hoje é possível notar traços remanescentes destes influxos islâmicos presentes nos cidadãos da capital baiana e em suas práticas territoriais. Este legado é notório ao se traçar paralelos com o modelo de comércio das cidades árabes: ele se organiza em torno de um eixo central e se configura em um gradiente que se estende às áreas residenciais. A exemplo disto pode-se observar a “Baixa de Sapateiros”, nome popular dado à rua José Joaquim Seabra, local do comércio varejista popular que segue o mesmo padrão das cidades islâmicas. Santos reforça esta ideia no trecho abaixo:

A Baixinha e arredores formam uma área de predomínio evidente do comércio de alimentação, quer de gêneros, quer de restaurantes, depois da qual voltam a predominar atividades artesanais, sucedidas, dentro em pouco, por atividades propriamente industriais, disseminadas entre residências, até que estas passem a dominar, nas proximidades do Largo das 7 Portas (SANTOS, 1957).



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

A ideia de que o comércio e a vida particular se dividem em zonas bem estabelecidas, entretanto postas em gradiente entre uma e outra, parece notável para além do Centro Antigo, porque se estende aos bairros populares da cidade de maneira geral. Assim é, também, com bairros mais recentes como o da Boca do Rio, que possui um pequeno centro comercial locado no final da linha de ônibus que se dissipa em ruas predominantemente residenciais.

Estes fatores implicam em concluir que o islamismo é parte da cultura soteropolitana materializada na organização da cidade e nos modos de fazer e de viver dos cidadãos da capital baiana. Em síntese, conclui-se que Salvador é um paradigma de confluência atlântica de civilizações, onde o urbanismo, a arquitetura e a estruturação social são resultados dos enlaces entre distintas manifestações étnicas dinâmicas. O soteropolitano e a própria cidade trazem consigo, em seu significado e em sua relação com o entorno, a memória simbólica e estrutural das medinas.

REFERÊNCIAS

AREÁN-GARCÍA, Nilsa. *Breve histórico da península Ibérica. Revista Philologus*, v. 45, p. 25-48, 2009.

BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda. *O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira. Projecto Portos Antigos do Mediterrâneo*, p. 111-145, 2001.

CAIXETA, Elenice M. *Abordagem historiográfica da História da Península Ibérica Medieval e da influência cultural árabe no Brasil. Revista entre Parêntese*, n. 8, p. 1-24, 2019.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 48º ed. São Paulo, Câmara Brasileira de Letras, 2003.

MATOS, José Luís de. *Lisboa islâmica*. Instituto Camões, p 1-30, 1999.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

REIS, João José. *A Revolta dos malês em 1835*. Universidade Federal da Bahia, 2008.

REIS, João José. *Os malês segundo 'Abd Al-Raḥmān Al-Baghdādī, um imã otomano no Brasil oitocentista*. *Revista Brasileira de História*, v. 43, n. 93, p. 355-396, 2023.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. *Yorubás e Malês: conflito e aliança no Brasil escravocrata*. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, n. 18-19, p. 185-203, 2013.

SANTOS, Milton. *A Baixa dos Sapateiros, 1957*, *Terra Brasilis*, [on-line], 19, 2023. URL: <<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/13924>>. Acesso em: 25 out. 2025.

TRINDADE, Luísa. *A Reconquista e a cristianização da paisagem urbana portuguesa*. *La Reconquista Ideología y justificación de la guerra santa peninsular*, p. 141-161, 2019.

TRINDADE, Luísa. *Urbanismo na composição de Portugal*. 2009. Tese (Doutoramento em Arquitectura), Universidade de Coimbra, Portugal, 2009.